

GÊNEROS E MULTIMODALIDADE DISCURSIVA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares (UFPB/PROLING/UERN)
luciahelenamct@hotmail.com

RESEUMO: Com a evolução pela qual passa a linguagem, pode-se pensar, hoje, na época contemporânea, a comunicação como um processo que articula vários modos de realização e que aparece de formas diferentes, utilizando linguagem diferenciada. Em parte, essa diversidade da linguagem deve-se ao grande número de gêneros textuais ativos nas sociedades letradas. Entre esses gêneros estão as Histórias em Quadrinhos que, com características híbridas, contempla e se apropria de vários outros gêneros. Os quadrinhos, um gênero totalmente multimodal, chama bastante a atenção das crianças (e também dos adultos), tornando-se, então, um rico recurso para se trabalhar o letramento infantil. E é com objetivo de reconhecer a multimodalidade desse gênero e averiguar como ele contribui para o incentivo à leitura e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do letramento, mais especificamente do letramento infantil, que aqui se propõe analisar alguns quadrinhos de Maurício de Sousa, os quais circulam por via impressa. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam e ao que foi apregoado, por muitos anos, nas sociedades, as revistas em quadrinhos são um excelente material de trabalho e de aprendizagem das práticas letradas.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Textuais. Histórias em Quadrinhos. Letramento. Multimodalidade.

ABSTRACT: With the language evolution, one might think today, in contemporary times, that communication is a process that combines several ways of performing language, which is used in different ways. In part, this language diversity due to the large number of active genres in literate societies. Among these genres there are the Comics, with hybrid features which contemplates and appropriates many other genres. The comics are completely multimodal genre which attracts children (and adults) attention, becoming a rich resource to work in the children's literacy. This work aims at recognizing the genre's multimodal discourse and examining how it contributes to encourage reading and thus developing literacy, specifically children's literacy. We are supposed to analyze comics by Mauricio de Sousa. Unlike what many people believe and what has been touted for many societies along the years, comic books are excellent material for working and learning literacy practices.

KEYWORDS: Literacy. Genres. Comics. Multimodal Discourse.

1. GÊNEROS, INTERAÇÃO E LETRAMENTO

Os estudos de Mikhail Bakhtin muito têm contribuído para se compreender a importância da interação verbal e dos gêneros do discurso. O autor, em suas teorias, critica o monologismo saussureano e aborda a relevância do dialogismo para os estudos da linguagem. Bakhtin/Volochinov (1997[1929], p.123) defende que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação

monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Para Bakhtin, a interação verbal não se dá apenas através da comunicação em voz alta entre as pessoas, no diálogo face a face, mas também através do ato de fala impresso, sendo o livro um dos exemplos da impressão dos atos de fala. Por meio dessa impressão há um contato, uma interação entre o que é dito pelo sujeito escritor e o que é lido e compreendido pelo sujeito leitor, daí a idéia de que existe o dialogismo em ação na comunicação entre as pessoas, seja essa comunicação dada pela fala ou escrita. O dialogismo é assim concebido como a interação entre o eu e o outro no texto, pois uma enunciação completa só é concebida quando relacionada a outras enunciações completas, devido a enunciação ser algo de domínio social e não individual.

Esses estudos sobre o dialogismo no processo comunicativo levam a outros estudos: os gêneros do discurso. Embora os estudos sobre os gêneros tenham sido primeiramente abordados nos campos da retórica e da poética com Aristóteles, foi no campo da literatura que esses estudos se consagraram. De acordo com Machado (2005, p.152), a prova disso é a “teoria dos gêneros ter se tornado a base dos estudos literários desenvolvidos no interior da cultura letrada”. A autora ressalta ainda que “gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” e que “a partir dos estudos de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros” (MACHADO, 2005, p.152).

Para Bakhtin são os enunciados orais e escritos que efetuam o emprego da língua. Cada enunciado é individual e faz parte de um gênero discursivo que, por sua vez, possui uma grande heterogeneidade. Bakhtin (2003[1979], p.262) diz que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo.

Nessa heterogeneidade, os gêneros se diferenciam essencialmente entre primários e secundários. Os gêneros primários, mais simples, são formados a partir da comunicação discursiva imediata, como, entre outros, o diálogo cotidiano, o bilhete e a carta. Esses gêneros são incorporados e reelaborados pelos gêneros secundários, que são mais complexos. Pode-se citar como gêneros secundários o romance, as pesquisas científicas, os textos publicitários e as histórias em quadrinhos, entre muitos outros. Estes são gêneros

pertencentes a uma cultura mais desenvolvida e organizada socialmente. Ao incorporarem os gêneros primários, os secundários transformam-nos, levando-os a adquirirem um novo caráter, por exemplo, pode-se citar um diálogo cotidiano entre duas personagens de uma história em quadrinhos. Neste caso o que se sobressai é a complexidade dos quadrinhos, não a simplicidade do diálogo.

Segundo Bakhtin, quando se aprende a falar, conseqüentemente se aprende um gênero, e isto é válido também para a escrita: quando se escreve algo, um gênero está sendo usado. Faz-se necessário então, em qualquer estudo, uma noção sobre os enunciados e os gêneros do discurso.

Para Marcuschi (2003), os gêneros são considerados fenômenos históricos, que se vinculam à vida cultural e social do sujeito e estão presentes, nas atividades comunicativas do dia-a-dia, sejam essas atividades realizadas através da oralidade, da leitura ou da escrita. Para comprovar isto, Marcuschi (2003, pp.20-21) ressalta que

se partirmos para o ambiente familiar, podemos indagar: que uso da leitura e da escrita é feito em casa? Para que se usa a escrita e a leitura em casa? Não resta dúvida de que *leitura & escrita* é uma prática comunicativa interessante e proveitosa em muitos sentidos. Há o jornal e a revista para serem lidos. Há cartões e cartas pessoais para serem escritos. Há cheques para assinar, contas a fazer, recados a transmitir e listas de compras a organizar, rádio e músicas a escutar. Há as ocorrências a registrar (os famosos livros de registro de todos os condomínios). Há historinhas a contar antes de dormir. As fofocas do dia a pôr em ordem etc. etc.

E Bakhtin (2003[1979], p. 283) coloca que “toda uma série de gêneros sumamente difundidas no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva”.

O uso desses gêneros, citados acima por Marcuschi (2003), acontece desde a época da infância. Nesse período, a criança expõe aquilo que apreende com o meio, com as pessoas com quem convive e com os eventos de letramento dos quais participa.

Com a diversidade de gêneros que fazem parte do cotidiano e das atividades comunicativas das pessoas, desde seus primeiros anos de convivência social e familiar, apresenta-se também a multimodalidade da escrita. E essa multimodalidade, a qual se apresenta em tantos gêneros, sobressai-se nos quadrinhos, um gênero muito apreciado pelas crianças. Sobre esses aspectos multimodais se falará, de maneira mais detalhada, no item a seguir.

2. ASPECTOS MULTIMODAIS DOS GÊNEROS

Dionísio (2005, p.188) ressalta que “a força visual do texto escrito permite que se reconheça o seu gênero mesmo que não tenhamos o domínio da língua em que está escrito”. A autora (idem, p. 178) coloca ainda que,

ao lermos um texto manuscrito, um texto impresso numa página de revista, ou na tela de um computador, estamos envolvidos numa comunicação multimodal. Conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.

O sentido de um texto pode ser manifestado por diversas formas e códigos que estabelecem a comunicação entre os sujeitos. Essas formas e códigos podem aparecer através de gestos, imagens, produções pictóricas presentes em textos verbais ou não-verbais. A figuratividade, principalmente para a criança, é muito importante, pois cria e recria sensações auditivas, visuais, fazendo o sentido ser apreendido. Cada texto, oral ou escrito, produzido de uma forma multimodal, acaba por receber a figuratividade. Numa canção, por exemplo, encontram-se junto à letra a melodia, a percussão; em um filme encontram-se as imagens, o som, a música; nas histórias infantis impressas, como os contos de fadas, estão presentes as letras (muitas delas em destaque), as imagens; nas histórias em quadrinhos surgem as imagens, os formatos das letras utilizadas, os balões diferenciados dependendo das falas (grito, susto, cochicho...). Como afirma Farias (2007, p.99) “a figuratividade é a forma que toma o discurso, enquanto texto, para manifestar o sentido”. Nos quadrinhos, isso é bem percebido através do uso das imagens retratando movimentos, das onomatopéias representando os sons, dos balões e das letras diferenciadas dependendo do tom de voz. Como diz Quella-Guyot (1994, p.85), “há na história em quadrinhos, um uso muito vigoroso do letreiro gráfico, uma “iconização” do texto que faz a palavra, a um só tempo, ser lida e vista; e um e outro têm a seu cargo transmitir um sentido”.

As figuras, assim, ajudam a perceber o mundo que está sendo criado, e para Farias (2007, p.98) elas “são termos que fazem remissão aos elementos do mundo, deixando, desse modo, o texto mais concreto”.

Segundo Dionísio (2006, p.131) “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”. E cada vez mais se observa o material escrito combinado ao material visual. As imagens para as crianças fazem parte do sentido que se

atribui às histórias que lêem ou que são lidas para elas. E demora muito até que a criança comece a gostar e a demonstrar interesse em ler livros sem figuras, com escrita padronizada.

Por vivermos hoje numa era de imagens visuais, não se pode mais ver a questão da leitura e da escrita de uma forma restrita a atividades monomodais, pois, no mundo contemporâneo, as pessoas, inclusive as crianças, passam boa parte do tempo vendo TV, manuseando computadores, convivendo com a mídia impressa que se utiliza fortemente de ilustrações e, em meio a isso tudo, há uma diversidade de gêneros textuais sendo utilizados, demonstrando diversas práticas de letramento.

Sem dúvida, vive-se hoje numa sociedade cada vez mais ligada ao visual. Sabe-se que

imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais. (DIONÍSIO, 2006, p.141).

Rego (2002, p. 108) complementa esse pensamento dizendo que “o fato de estar exposta a alguns usos da leitura e da escrita pode despertar o interesse da criança para uma exploração mais ativa dos mesmos”. E é com essa exploração dos diversos textos que as crianças percebem as diferenças e/ou semelhanças existentes entre eles. Também começam a observar que a linguagem verbal e visual podem se dar de forma diferenciada no material escrito.

Em meio a esse material escrito, nada melhor do que as histórias em quadrinhos para ajudar no interesse da criança pela leitura e, conseqüentemente, no desenvolvimento do letramento. E para melhor compreender esse processo, serão analisadas a seguir, algumas histórias em quadrinhos criadas pelos estúdios Maurício de Sousa.

3. LETRAMENTO E MULTIMODALIDADE DISCURSIVA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O sentido de um texto pode ser manifestado por diversas formas e códigos que estabelecem a comunicação entre os sujeitos. Essas formas e códigos podem aparecer através de gestos, imagens, letras diferenciadas, enfim, aspectos multimodais que fazem a diferença. E as histórias em quadrinhos é um gênero que utiliza muito bem esses recursos na comunicação. O uso da imagem ajuda a repassar as mensagens pretendidas ao leitor, que, na maioria das vezes, é uma criança. O manuseio das revistinhas pela criança ou mesmo a

leitura que alguém possa fazer desse gênero para ela torna-se um evento de letramento que muito enriquece o universo infantil. E, para justificar essa informação, vejamos a história em quadrinhos (HQ) abaixo:

HQ 01



(Almanaque Historinha de Duas Páginas – Turma da Mônica, nº01 São Paulo: Panini, set. de 2007.)

Nessa história em quadrinhos a primeira coisa que chama a atenção é a presença da multimodalidade, como em todas as revistas contemporâneas que circulam pelos meios sociais. Essa multimodalidade se dá através do uso das imagens, das letras diferenciadas e do colorido que logo desperta a atenção da criança. Pode-se observar também, nesse texto, a presença de um outro gênero muito conhecido pela maioria das crianças: o conto de fadas. Esse gênero, comumente, desperta o interesse da criança, exercendo, de maneira inexplicável, um grande fascínio sobre ela. Talvez por oferecer-lhe, como diz Bettelheim, confrontos entre o bem e o mal, mostrando ainda dilemas existenciais, levando a criança a sofrer com os seus heróis e a triunfar junto a eles na luta vitoriosa. Bettelheim (2004[1980], p.13) coloca que

para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar

claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

Os contos de fadas prendem a atenção e ativam a curiosidade da criança, levando-a a fazer indagações sobre os problemas ocorridos. É um gênero que entretém e enriquece ao mesmo tempo. Daí Heath (1982) considerar as narrativas dessas histórias, na infância, um dos melhores eventos de letramento.

Esses contos aparecem, muitas vezes, relidos e reproduzidos em outros gêneros, como o cinema e os quadrinhos. Nessa história, eles aparecem devidamente misturados, na narrativa da personagem “Louco”, criando, então, um novo conto, o qual é lido pelo pai, para o filho, na hora de dormir. Vê-se aí uma mistura de gêneros e de histórias (Branca de Neve, João e o Pé de Feijão, Os Três Porquinhos, Cinderela). E Como diz Bakhtin (2003[1979]), é o dito retomando o já-dito, recontando aquilo que já se conhece, que já foi contado por alguém. Mas é no diferencial que está a riqueza da história que tanto agrada Do Contra, personagem infantil de Maurício de Sousa, pois o menino, que é contra tudo que é normal e tradicional, só sente-se realizado e feliz diante do incomum, do diferente. E, lendo o conto que foi criado especialmente para Do Contra, o pai do menino lhe proporciona a participação em um evento de letramento.

Fazendo a retomada de contos tão conhecidos, o criador dos quadrinhos acima pode levar a criança a despertar para a leitura de livros que trazem essas histórias maravilhosas. E, caso os contos ainda não sejam conhecidos pela criança leitora, esse passa a ser um grande estímulo para que os contos passem a ser procurados por ela e comecem a fazer parte de suas leituras, pois, como bem coloca Goodman (2001, p.318) ¹“As crianças desenvolvem ambas leitura e escrita quando participam de eventos de letramento significativos. Elas desenvolvem o controle sobre as funções e formas da leitura”.

E a forma como os quadrinhos abordam essas histórias fabulosas ainda pode estimular a criança a criar suas próprias narrativas, com base naquilo que já conhece,

Nos quadrinhos que seguem – HQ 02 e HQ 03 – apresentam-se narrações de dois mundos diferentes. A primeira trata de uma historinha de duas páginas, a qual tem como personagem protagonista uma das primeiras criações de Maurício de Sousa: Chico Bento.

¹ Children develop both reading and writing as they participate in meaningful literacy events. They develop control over functions and forms of reading.

Essa personagem representa o caipira do interior de São Paulo, com seus costumes e linguagem própria da terra. A segunda mostra um pouco da personagem Bloguinho, um menino ligado no mundo digital e que usa a linguagem do internetês. Vejamos abaixo:

HQ 02



(Almanaque Historinha de duas páginas: turma da Mônica, nº03, novembro de 2008).

HQ 03



(Revista Cebolinha, nº 15, São Paulo: Panini, março de 2008.)

Percebem-se nos textos acima as diferenças de mundo nos quais vivem as crianças e as variantes da linguagem utilizada por elas.

Chico Bento, o mais famoso caipira dos quadrinhos, apesar da fama de preguiçoso, retrata na historinha acima o dia a dia do trabalho na roça. A personagem, ao ver o tempo de chuva se formando – é costume do interior se fazer previsão do tempo olhando para o céu, pois se trata do conhecimento de mundo dessas pessoas -, corre para antecipar seus afazeres do dia: capinar o roçado, dar milho para as galinhas, tirar leite da vaca, cortar lenha, para só depois curtir o tempo chuvoso, agasalhado em uma cadeira de balanço no alpendre da casa. Tudo isso é narrado num estilo próprio designado a essa personagem, que deixa transparecer em seu sotaque a supressão do R final nos verbos (capiná>capinar, dá>dar, tirá>tirar, cortá>cortar...) e dos sons palatais, como LH (mio>milho, moiá>molhar, mior>melhor...). Outra característica marcante dessa variante lingüística é a falta de concordância entre os termos da oração (os passarinho....> os passarinhos...). E ainda a supressão de alguns fonemas iniciais ou em palavras com ditongos (baxo>baixo, cabeí>acabei, inda>ainda), entre outras marcas características da linguagem aqui representada.

Esses quadrinhos, apesar do que muitas pessoas acham, podem e devem ser lidos pelas crianças, para que conheçam as variantes lingüísticas do país e saibam diferenciá-las em seu uso, sem cultivar o preconceito lingüístico. A partir desse texto pode-se chegar também ao letramento cultural, adquirindo-se conhecimentos sobre as atividades cotidianas do homem rural.

Na HQ 03 (história com cinco páginas, mas representada aqui apenas pelas duas primeiras), o mundo infantil aparece totalmente diferente. Não há atividades a serem executadas como no sítio de Chico Bento. As crianças podem interagir através do computador e a linguagem utilizada pela personagem Bloguinho retrata o internetês, tão criticado quanto o falar caipira. Bloguinho apresenta o exagero da linguagem virtual. O seu próprio irmão, o qual usa gírias próprias da adolescência, como “que que tá pegando, maninho?”, sente dificuldades em compreender o que Bloguinho lhe responde no quadrinho três: “Ih, c tah *off*”, com tradução no canto do quadrinho; “Ih, você tá por fora!”. Ainda no segundo quadrinho aparece no balão, onde deveria estar a fala da personagem Bloguinho, um *emotion*, ícone em forma de carinha, utilizado pelos internautas para expressar emoções. O menino também demonstra práticas de letramento digital quando diz estar atualizando o seu Blog (mais um gênero explorado pela HQ) com fotos da turma e dos seus bichos de estimação.

No meio da multimodalidade dos quadrinhos em análise não deixam de aparecer as onomatopéias, representando os sons que são reproduzidos na oralidade, como o som do trovão “Cabrum”, na HQ 02, e o som do teclado do computador “Tec Tec”, na HQ 03.

Como ressalta Quella-Guyot (1994, p. 86) “os ruídos são um suplemento que tende a conferir credibilidade à cena desenhada”. E enquanto o som da risada de Bloguinho é transcrita como “KKKKKK!” e “Huahuahua!”, a de seu irmão aparece na forma mais tradicional dos quadrinhos “Há!Há!Há!”. Na segunda página da HQ, percebe-se ainda a escrita de algumas palavras como em alguns gêneros virtuais, são elas: kra>cara, +> mais, d>de, entre outras.

Vê-se aqui a riqueza lingüística e cultural do gênero quadrinhos, que deve ser aproveitado, no incentivo à leitura desde a fase da infância, proporcionando à criança participar das práticas de letramento. A respeito das formas diferenciadas de escrita, só precisa que sejam orientadas quanto ao seu uso, de acordo com o gênero e o suporte adequados. E isto talvez as crianças conheçam melhor que os adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui realizado tenta despertar as pessoas para a importância do gênero quadrinhos no imaginário infantil, pois, sendo um gênero multimodal, direcionado especificamente para o público infantil, desperta o interesse das crianças e estimula a leitura e até a escrita de outros gêneros, os quais se apresentam nos quadrinhos. Depois de tantas censuras e tentativas de consolidação, os quadrinhos finalmente ganham lugar de destaque no Brasil e começam a ser olhados de forma diferente. Mesmo assim, até hoje, há quem ache essa leitura prejudicial às crianças.

Seguindo com essa proposta, um trabalho como esse pode ser ampliado e continuado, inclusive colocado em prática nas aulas de língua materna, pois é com o reconhecimento e a exploração dos diversos textos que as crianças percebem as diferenças e/ou semelhanças entre eles, o que as leva a observar também que a linguagem pode ser usada de forma diferenciada nos variados gêneros. Isso implica em supor que, conhecendo as diferenças da linguagem que se utiliza nos textos escritos, as crianças passam a usar, sem problema algum, termos e expressões diferenciadas de acordo com o texto que está sendo produzido e com o suporte de textos que está sendo utilizado.

Dessa forma, chega-se à conclusão que as histórias em quadrinhos, como também o seu suporte, as revistas em quadrinhos, trazem o conhecimento dos diversos gêneros que circulam pela sociedade, podendo se tornar assim um instrumento facilitador do desenvolvimento do letramento infantil.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed, São Paulo: Hucitec, 1997[1929]. 196 pp.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004[1980]. 366 pp.

CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 220 pp.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 177-204.

_____. Gêneros Multimodais e Multiletramentos. In: KAROWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

FARIAS, I. R. Letramento e Linguagem: reflexões a partir da semiótica francesa para uma prática de ensino. In: MATTE, Ana C. F. (org.) *Linguagem, Texto, Discurso: entre a reflexão e a prática*. (vol. II). Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2007. p.85-103.

GOODMAN, Yetta. The Development of Initial Literacy. In: CUHMAN, Ellen, KINTGEN, E. R., KROLL, B. M. and ROSE, M. (eds). *Literacy: a critical sourcebook*. Boston; Bedford/St. Martin's, 2001, pp.224-260.

HEATH, Shirley B. *What no bedtime story means: narrative skills at home and school*. *Language in Society*, 11, 1982. p.49-77.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p.151-166.

MARCUSCHI, Luiz. *Da Fala para a Escrita; atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 133 pp.

QUELLA-GUYOT, Didier. *A História em Quadrinhos*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 151 pp.

RAMA, A., VERGUEIRO, W., BARBOSA, A., RAMOS, P. e VILELA, T. (orgs.). *Como Usar as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Como usar na sala de aula). 157 pp.

REGO, Lúcia B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. In: KATO, Mary A. (org.). *A Concepção da Escrita pela Criança*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 2002. p. 105-142.

SOUSA, Maurício de. *Almanaque Historinhas de Duas Páginas: turma da Mônica*. São Paulo: ed. Panini Comics, nº01, setembro de 2007, semestral.

_____. *Almanaque Historinha de duas páginas: turma da Mônica*, São Paulo: ed. Panini Comics, nº03, novembro de 2008, semestral.

_____. *Cebolinha*, São Paulo: ed. Panini Comics, nº 15, março de 2008, mensal.

_____. Disponível em: < <http://www.monica.com.br/mauricio-site/>>. Acesso em 14/08/09.

TAVARES, Lúcia Helena Medeiros da Cunha. *Reflexos do Letramento Familiar na Produção Textual Infantil: dos desenhos e rabiscos aos signos alfabéticos*. 115 pp. (Dissertação de Mestrado em Linguística). PROLING / UFPB. João Pessoa – PB, 2008.

WIKIPÉDIA, ENCICLOPÉDIA LIVRE. *História em Quadrinhos no Brasil*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3riaemquadrinhosnoBrasil>> . Acesso em: 01/07/2009.